

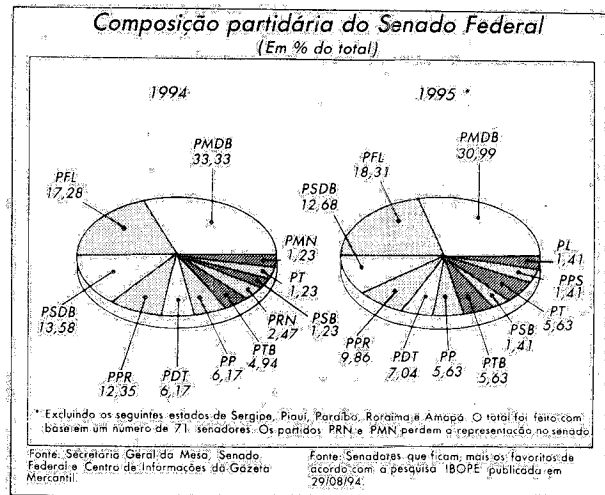
Tudo se resolve com chazinho

por Eliane Cantanhêde
de Brasília

Nem só de tribuna vive o Senado. Vive também, com admitem parlamentares de diferentes partidos, do velho, comodista e perigoso, a conchave. Diz a tradição, ali, que ninguém discute, ninguém briga, tudo se resolve com um chazinho e algumas conversas de cúpula. Um caso típico, e recente, foi a absolvição por falta de quórum do senador Ronaldo Aragão, acusado com provas pela CPI mista do Orçamento.

Mas o atual deputado José Serra, candidato ao Senado pelo PSDB de São Paulo, vai logo avisando: "Não aceito pagar jôia desse clube. Não contem comigo para essa história de acertar tudo como compadres e, se insistirem, vou obstruir as votações", declarou este jornal, em alto som.

"É verdade. O Senado é um clube. Acho que é porque funciona como a casa da moderação, dos políticos mais velhos, mais tradicionais", diz o senador Mário Covas, agora candidato ao governo de São Paulo. E ele tem uma explicação para isso: como a eleição é majoritária — são três senadores por estado, independente do número de população, e vence quem tem maioria de votos —, é muito mais difícil. Ou seja: em ge-



ral concorrem os políticos mais do que traquejados.

As coisas estão mudando. O próprio Covas registra que, dos quarenta e quatro senadores que se elegeram na sua leva, em 1986, com a pólvora do Plano Cruzado, devem restar agora no máximo vinte. Entretanto, segundo o líder governista no Senado, Pedro Simon (PMDB-RS), estas eleições devem trazer ainda muitos ex-governadores, como Vilson Klemubing (SC), Antônio Carlos Magalhães (BA) e Francelino Pe-

reira (MG) Roberto Requião (PR), Ronaldo Cunha Lima (PB) e Iris Resende (GO), mas isso não é ruim, significa maior dose de pragmatismo. "Quem já esteve no Executivo, como eu, sabe que não adianta muito sonhar. Todo mundo tem que ter os pés no chão", ensina Simon.

O Senado é o representante da Federação. Ou seja, tem competência exclusiva para legislar sobre endividamento dos estados; escolha de ministros de tribunais superiores, como do próprio Su-

premo Tribunal Federal; nomeação do presidente do Banco Central; aval dos novos embaixadores em delegações permanentes no exterior. Sobre tudo a questão tributária é de sua alçada.

"Só que, na prática, o Senado não tem passado de mera casa revisora das decisões da Câmara", critica Roberto Freire (PPS), candidato favorito em Pernambuco. Ele, como Serra, tem planos e ânimo para mudanças: "Não se pode deixar, e eu não vou deixar, que o Senado se ausente de discussões fundamentais para o País, como a de uma ampla política industrial", avisa.

São 81 senadores, amplos gabinetes e corredores. O plenário é redondo, sóbrio e digno como convém, e fica interligado a uma espécie de salão de chá exclusivo de suas excelências, os senadores. Fora, a arquitetura de Niemeyer. Dentro, só faltam as cartolas e os coletes para lembrar a pompa do Império. A três velhos funcionários, entretanto, foi feita uma pergunta, sem resposta: que grandes projetos surgiram dali nos últimos anos? Um que se poderia lembrar foi o da concessão dos serviços públicos para a iniciativa privada, de autoria do hoje presidencial Fernando Henrique Cardoso. Lá se vão alguns anos. Até hoje, o projeto não virou lei.